





NA INTIMIDADE...

CESÁRIA ÉVORA

# “Estou à procura do meu paraíso”

65 anos vividos a cantar as amarguras da vida, o brilho do sol cabo-verdiano, a injustiça da escravatura, a luta pela liberdade. E a ... “sôdade, sôdade” dessa terra que é a sua. No seu singelo refúgio recebe-nos de um jeito só seu. Entre a cachupa, os grogues e as recordações, entoa uma morna... descalça por respeito aos “sem-tecto”

## Cabo Verde continua a ser o único lar da diva dos pés descalços

**S**ão Vicente, uma das dez ilhas de Cabo Verde. Mindelo. Fernando Ferreira. Avenida Fortes. No coração da cidade, por trás do Palácio Presidencial, ei-lo, o refúgio da rainha das mornas, como é conhecida entre as suas gentes. Vislumbramos Cesária com o seu interminável cigarro por entre as cortinas da sua casa. Está à nossa espera. Recebe-nos com um cumprimento agudo e um brilho nos olhos negros. Pela casa ouve-se um ritmo cabo-verdiano hip-

hop. É Jeannet, a neta de 15 anos de Cesária a praticar a famosa dança brasileira, capoeira. Junto a ela, uma mulher de traços exóticos, a governanta, dança como se estivesse numa festa louca. Pirok, o jovem sobrinho, também baloiça ao ritmo do peixe frito em cima do fogão. Olhamos por escassos momentos e afastamo-nos. Se nos virem, ficam embaçados. É um povo modesto.

Troféus em ouro e platina estão expostos numa das paredes da sala e entre eles destaque pa-

**PORQUE** lhe dá prazer fumar um "cigarro pensativo"...



ra o Grammy que ganhou em 2004. Cesária exhibe-os com o mesmo orgulho com que nos mostra as pequenas lembranças dadas pelos seus fãs. Coisas simples de gente simples. Coisas sem valor material, mas cheias de amor e carinho. É aqui que reside a sua grandiosidade...

**Porque é que lhe chamam a diva dos pés descalços?**

Eu canto descalça, porque sempre tive os pés descalços. Não somente eu. Todos os cabo-verdianos. Nós nunca tivemos dinheiro para comprar sapatos. Mas, aqui o sol está sempre a brilhar e o tempo é sempre quente.

**Pode recordar-nos a sua infância...**

A pequena Sezi, como a minha mãe me chamou, nasceu a 27 de Agosto 1941, no Mindelo, a





**CRESCEU** na pobreza e foi mãe muito cedo. Como cedo conheceu a dor de perder uma filha

capital da ilha cabo-verdiana de São Vicente. A minha mãe Dona Joana, deu à luz cinco crianças que cresceram na pobreza. Trabalhava como cozinheira com um ordenado muito curto. O meu pai, Justino da Cruz Évora, tocava o cavaquinho, guitarra e violino. Ele morreu pouco depois do meu sétimo aniversário. Quando fiz dez anos entrei para o orfanato e durante três anos tive as minhas primeiras lições de música. Desse período recordo-me de cantar no coro da igreja.

**E recorda-se de quando deu o seu primeiro concerto?**

Recordo-me, sim, de estar a actuar com o meu irmão Lela, ele acompanhava-me no saxofone. Quando completei os dezasseis anos, comecei a actuar em bares da "zona da luz vermelha" do Mindelo, onde conheci o compositor Gregório Gonçalves, que adorava o teatro de rua. ♣



**NA SALA**, tão relevantes e bem guardados são os seus troféus como os singelos presentes que lhe oferecem nas digressões. E que seja só o beijo de um fã...





## A meio da manhã prepara o almoço: cachupa, amor e vinho para todos



**DA JANELA PARA O MUNDO.** Recusa-se a passear pelo Mindelo, talvez porque todos lhe batam à porta. Desde amigas a desconhecidos

**→ O que a marcou mais nessa altura?**  
Conheci o meu primeiro amor, Eduardo. Ele ensinou-me o que eram as “coladeras” e as mornas. Foi ele também que me ajudou a cantar na Rádio Mindelo. A minha voz chegou às ilhas vizinhas.

**A maternidade teve um papel importante na sua vida?**

Duas semanas antes de ter dezoito anos trouxe ao mundo o meu primeiro filho, Eduardo. Duas crianças seguiram-lhe, todas de pais diferentes, com quem nunca casei. Infelizmente perdi a minha segunda filha que só tinha dois anos. Cuidei da minha outra filha Fernanda e do Eduardo, com a ajuda da minha mãe. Nenhum dos pais viveu connosco.

**Então a sua vida estava dividida entre filhos e trabalho?**

Sim. O Mindelo está cheio de bares e fiz do Café Royal o meu quartel de abrigo. Ali e no bar Calypso, onde cantei mornas para trabalhadores, advogados, aventureiros e comerciantes. Depois, quando o meu namorado Eduardo foi para a Europa, comecei a cantar em barcos para aliviar a minha tristeza.

**A música e os filhos são o mais importante da sua vida?**

Sim, é o mais importante que eu tenho. Os homens vão e vêm.

**Mesmo assim abandonou a música durante uma década. Porquê?**

Sentia-me desolada. Melancólica. Porque eu cantava, cantava e nada mudava na minha vida. Foi assim que comecei a beber.

**E refugiou-se em casa?**

Dentro da minha casa. Com os meus filhos e a minha mãe. E com um copo de grogue, a nossa bebida alcoólica espirituosa “made in” Santo Antão. O grogue resulta de uma mistura de xarope de cana-de-açúcar destilada. Vale a pena provar o nosso ponche. Eu deixei de beber desde 1994 agora só bebo água.

[Cesária faz uma pausa na entrevista e chama Pirok para nos trazer o grogue. Subimos as escadas para um quarto com uma bonita mobília feita artesanalmente e decorada com estrelas feita por uma amiga sua.]

**O que aconteceu para voltar a cantar depois de dez anos?**

**SÔDADE, SÔDADE, SÔDADE.** tem mesmo de cozinhar e de tratar da casa, quando viaja pelo mundo



## “Eu cantava, cantava e nada mudava. Foi assim que comecei a beber”

Estávamos em 1985 quando uma associação portuguesa de mulheres chamou-me para participar num disco com mais outras duas mulheres. Em 1987, em Portugal, conheci José Da Silva que se tornou o meu mentor e fez-me brilhar. Em França o meu sucesso também começou de súbito e a minha vida mudou, porque ganhei algo mais importante do que a lotaria!

### Apesar de viajar muito, a sua única casa é aqui no Mindelo?

Este é o meu único lar. A alguns metros daqui está a casa onde nasci. Há sete anos, comprei este pedaço de terra e mandei demolir as duas casas já muito velhas que aqui existiam e construí uma maior. Vivo aqui com o meu

irmão João, a minha neta Jeannet, o meu sobrinho Pirok, a minha sobrinha Luísa de 15 anos, o meu filho Eduardo, de 47 anos, e o nosso cão Skots. Como podem ver, a minha casa está aberta a todos.

### Há algum outro talento na família?

O meu filho só sabe cantar uma morna. Uma vez, disse à minha filha que se ela cantasse dava-lhe 1000 escudos. Depois dei-lhe 2000 escudos para ela parar.

### Do que sente mais falta quando está em viagem?

Vou directamente para a minha cozinha e abro os armários para encontrar algo caseiro para comer. Sinto falta de cozinhar e dos trabalhos domésticos. ✦



na intimidade.



## “A morna é para nós como o fado é para os portugueses”

Qual é a sua especialidade na cozinha?

Cachupa, um prato tradicional com milho, feijões, ervas locais, favada e batata doce. São todos bem-vindos.

[Na mesa larga da cozinha, Cesária coloca a deliciosa cachupa, saladas, peixe fresco cozinhado e algumas garrafas de vinho português. Esta mulher par-

tilha tudo, desde o dinheiro ao carinho. A mulher do peixe chegou pela manhã. Um amigo trouxe roupas para vender e o comerciante de queijos também apareceu.]

É sabido que ajuda muito os seus compatriotas. Mas muitos não retribuem essa generosidade...

É verdade. Algumas pessoas a quem emprestei dinheiro sim-

plesmente desapareceram. Depois penso... não faz mal. Sou eu que estarei sempre em dívida para com o meu país que me deu a sua música.

[Quando lhe pedimos para dar uma volta pela cidade, recusou. Não sai muitas vezes. Agora já não. Talvez não seja necessário porque todos passam pela sua casa. Desde amigos a vizinhos, co-



**NÃO VIVE SOZINHA.**  
Partilha o que tem com os seus e todos são convidados para a sua casa



**CESÁRIA não encontrou o amor e agora acha que já é tarde...**

merciantes e desconhecidos. Pessoas que simplesmente a admiram. E enquanto degustamos as maravilhas que nos oferece, Cesária senta-se num sofá e come creme de farinha, banana e leite.]

E o amor, encontrou-o?  
Não.

Mas nunca é tarde?  
Penso que já é tarde.

Cabo Verde é um país que sofreu muito com a escravatura. A dor dos escravos, o amor e a sede pela liberdade são os principais temas das suas canções?

É verdade. Quando fomos colonizados por Portugal éramos meros serventes. Os compo-



tores queriam expressar-se e, mesmo em 1876, depois da abolição da escravatura, não conseguiam fazê-lo. Nós éramos escravos à mesma, com a outra face, até 1975 quando conquistámos a democracia.

**A Cesária tem apoiado muito a música cabo-verdiana. Os artistas mais novos têm seguido os seus passos?**

Sim, Lura, Tcheka, Fantcha, Teófilo Chantre, são jovens artistas que estão a continuar a nossa tradição. Por vezes eles abrem os meus concertos e estão a fazer carreiras fabulosas.

**Que conselho daria a um jovem artista?**

Se lutares serás bem sucedido.

**Viaja muito, desde os Estados Unidos ao México, passando por toda a Europa. Gosta de viajar?**

Como dizemos por cá, a vida tem veneno e mel. Já experimentei o veneno, deixem-me aproveitar o mel.

**O que pensa sobre o futuro?**

Não costumo fazer planos. Acredito que as coisas acontecem. E tudo o que vier, eu aceito.

**Há artistas com quem gostaria de trabalhar?**

Sem dúvida que sim. Gostaria de cantar com Charles Aznavour e com o Júlio Iglesias, ou pelo menos conhecê-lo. Só para lhe dizer "olá!" Todas as noites

durmo com ele. A minha amiga em Paris, que sabe o quanto eu gosto do Júlio, deixou-me uma fotografia dele no meu quarto de vestir. Agora essa fotografia está na minha mesa de cabeceira. Adoro Amália Rodrigues, Nat King Cole, Edith Piaf, Frank Sinatra, Billie Holiday, são os meus cantores favoritos, vozes que nunca mais voltarão a existir. Uma em cem.

**Onde é o seu paraíso?**

Não sei, ainda estou à procura dele. Quando o encontrar irei para lá. Acredito que seja onde alguém possa relaxar e gastar dinheiro. !!

**Créditos:** Maro Kouri/ Casa da Imagem

**A CASA vista do exterior**

